

## APOSTA DE US\$ 1 BILHÃO

Nada menos que US\$ 1 bilhão é quanto a IBM pretende investir mundialmente no desenvolvimento de *software* livre e também na adaptação de suas máquinas às ferramentas de código fonte aberto. Na linha de *mainframes* (grandes computadores), o sistema GNU/Linux tem importância central para o cumprimento das metas deste ano. Em fevereiro, o gerente-geral da unidade de servidores corporativos da IBM, Dan Colby, anunciou que a empresa pretende vender 1,6 milhão de *mainframes* MIPS em 2001. Dentro dessa perspectiva, o papel do sistema de código aberto é atrair novos usuários, seduzidos pela relação custo-benefício.



Nelson Shishito, da IBM: o crescimento do sistema é certo e é inevitável que o GNU/Linux chegue aos *desktops*

No Brasil, a IBM fechou parceria com a Conectiva e está atuando com uma equipe de suporte técnico treinada em GNU/Linux. Para o gerente da unidade de *software*, Nelson Shishito, o crescimento do sistema é certo. É inevitável que ele chegue aos computadores pessoais. “Sem dúvida, veremos cada vez mais casos de corporações e de governos adotando a plataforma”, prevê. O gerente de marketing da divisão de PCs, Paulo Zimberger de Castro, acrescenta que 56% do mercado corporativo é composto por pequenas e médias empresas. “A IBM quer atingir esse público

com soluções de baixo custo, baseadas em *softwares* abertos”, anuncia. A estratégia será fornecer o sistema operacional que o cliente desejar – e há uma demanda ascendente pelo GNU/Linux.

Além disso, a Big Blue está certificando os desenvolvedores nacionais que contribuírem com algum tipo de aprimoramento do sistema para suas plataformas. “O interesse pelo Linux é justificado por seu alto desempenho e segurança”, afirma Castro. Ele cita o exemplo do *site* BRFree, com sede em Belo Horizonte, que apresentou ganhos de performance 45% superiores com um servidor Netfinity, da IBM, equipado com GNU/Linux.

O sistema operacional roda em aproximadamente 20% do volume de servidores Netfinity. Em 1998, quando a IBM entrou no negócio, houve apenas oito casos com essa plataforma. O número subiu para 60 em 1999 e 200 em 2000. Neste ano, a companhia espera chegar a 400.

Para o gerente de marketing da linha de servidores Web da IBM, Antonio José de Barros da Silva, o principal mercado para as aplicações GNU/Linux ainda está no segmento das *ponto-com*, onde o sistema roda no servidor de e-mail, por exemplo. Mas como desenvolvedores estão empenhados, mesmo, é em disponibilizar o programa para todas as plataformas, esse mercado tende a se expandir. “Com a popularização do sistema nas universidades, a tendência é que o Windows deixe de ser o padrão mais usado”, prevê Silva.



A equipe de desenvolvedores do *software* livre Sagú, da Univates: o sistema já conta com colaboradores da Alemanha e dos Estados Unidos

Simples: na venda das máquinas, principalmente grandes servidores, que serão necessários para a prestação desses serviços.

**Mobilização** – Atentos, os principais *players* do setor não querem ficar para trás. Nos últimos cinco anos, a HP aplicou R\$ 20 milhões no desenvolvimento de programas no Brasil. “O que está faltando para a maturidade da plataforma são mais *softwares* aplicativos, apesar de eles já existirem em número suficiente para que o Linux permeie toda uma empresa”, sustenta Sérgio Pires, gerente de marketing para a área de *software* da HP.

Para Miguel Abuhab, presidente da Datasul, a maior *software house* empresarial com sede no país, a plena aceitação do GNU/Linux no ambiente corporativo é uma questão de tempo. “A disseminação depende muito do efeito rede”, avalia Abuhab. Os produtos da catarinense Datasul são compatíveis com o sistema livre.

Na Compaq, toda a linha de servi-



## GNU NÃO É LINUX

GNU é o nome de um sistema operacional livre, cujo projeto foi lançado por Richard Stallman em 1984. Muita gente confunde o Linux (o núcleo do sistema operacional desenvolvido por Linus Torvalds em 1991, baseado em Unix, daí o nome Linux = Linus + Unix) com o sistema maior, porém inacabado, GNU, e chama a combinação de "sistema Linux". O mais correto é chamar a combinação – o sistema operacional completo – de GNU/Linux, porque dá crédito às raízes de ambos. Também fica mais claro, porque sugere uma visão mais acurada da história. Logo, quando se fala em Linux, trata-se de um programa com função específica, o *kernel*. Os sistemas distribuídos pela Debian, Red Hat e Conectiva, entre outras empresas, são, na verdade, versões do GNU/Linux. A consequência infeliz dessa confusão é que, se as pessoas mencionam apenas Linux, não se sabe sobre o que estão falando.

Fonte: Richard Stallman, fundador do Projeto GNU e da Free Software Foundation.

dores já está homologada para trabalhar com o GNU/Linux. O gerente de desenvolvimento de negócios da empresa no Brasil, Carlos Arouche, calcula um aumento de cerca de 20% na procura pelos equipamentos que trazem a plataforma livre. "A minha percepção do Linux é de que se trata de um produto muito forte para ser-

vidores", avalia. Arouche vê mercado tanto para o *software* proprietário quanto para o livre. "Aquele usuário que busca suporte e número de aplicações vai ficar com o proprietário, enquanto os clientes que não podem ou não querem pagar por licenças terão menos aplicações disponíveis."

A Dell fechou parcerias com os

## O GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL PAGOU R\$ 18 MILHÕES EM LICENÇAS NO ANO DE 98

principais distribuidores globais do GNU/Linux (Suse na Europa, Red Hat na América do Norte e TurboLinux na Ásia). Atualmente, está negociando com a Conectiva. "O Linux é a arquitetura de *software* livre mais bem-sucedida no mundo, o número de aplicativos vem crescendo e também a facilidade de operação. Por isso, é um sistema estratégico para nós", conta Daniel Minto, gerente de produtos para servidores e gabinetes de armazenamento da Dell. "O *software* livre ajuda muito a indústria. A própria Microsoft está abrindo partes dos códigos de seus produtos para parceiros estratégicos, por entender que precisa se adaptar", lembra.

É da IBM que virá um empurrão considerável à popularização do sistema operacional GNU/Linux. A Big Blue pretende investir US\$ 1 bilhão em pesquisas para a plataforma neste ano (*leia quadro na página anterior*). "É um mercado que tende a se desenvolver muito a partir de 2001 e dentro dos próximos três anos", justifica o gerente da unidade de *software* da IBM no Brasil, Nelson Shishito.

**Território livre** – Há uma opinião corrente no mercado brasileiro de que a meca do *software* livre é o Rio Grande do Sul. "O Linux começou a ser estudado com seriedade no país, em Porto Alegre", reconhece Shishito, da IBM. Essa iniciativa é capitaneada pela Procergs, a companhia de informática do governo estadual que, em 1998, gastou R\$ 18 milhões em licenças (detalhe: a cifra não inclui os poderes Legislativo e Judiciário).

Aos poucos, a empresa está modi-